

“O Auto da Compadecida”: uma análise política, religiosa e social.

A constituição brasileira de 1891, promulgada no início da Primeira República, defendia a igualdade de todos perante a lei. Na prática, contudo, não era o que se via. O filme “O Auto da Compadecida”, baseado na obra de Ariano Suassuna, serve como alegoria para a desigualdade que nos acompanharia até mesmo após a morte e, ao mesmo tempo, como o único momento em que realmente todos somos iguais.

A sociedade brasileira aparece bem representada neste contexto: Padre e Bispo, representando o clero; o major Antônio de Moraes representando o os políticos (coronelismo); o padeiro e a esposa representando a burguesia e; Chicó e João Grilo representando os trabalhadores. Embora ambientado na região Nordeste, essa composição é bem representativa do Brasil nas primeiras décadas da República.

• A igreja vista como um negócio

Em várias cenas do filme, o Padre e o Bispo utilizavam a Igreja praticamente como um “negócio”, por meio de dízimos e da autoridade que impunha na época. A mesma ainda tinha uma preocupação em manter o seu poder e influência sobre a sociedade. Logo no início do trama, João Grilo e Chicó trabalham para passar um filme na igreja e o padre cobra cada um de seus fiéis pela sessão. No final, o padre fica com todo o dinheiro, pagando muito pouco para João Grilo e Chicó, visando o seu lucro. O filme destaca também a relação entre a religião, a política e a burguesia.

• O coronelismo

A República dos coronéis é consolidada a partir da constituição de 1891, com eleições para presidentes de estado, assim um regime de controle de votos é inserido. Controlados por coronéis da região, políticas de “bico de pena” e regimes de venda de votos são realizados.

As relações entre coronéis e povo também são retratadas no enredo. Ninguém ousa se opor à vontade do major. Em uma determinada cena do filme, a personagem

Dora faz questão que o padre benza sua cadela de estimação que está doente e este se recusa. Porém, quando João Grilo o procura e mente dizendo que a cadela era do major Antônio, o Padre logo aceita o pedido, demonstrando submissão.

• **A relação entre os trabalhadores e seus patrões**

A vida difícil do trabalhador é marcada pela ausência de direitos sociais, salários miseráveis e nenhuma garantia trabalhista. A condição econômica influencia a própria personalidade dos protagonistas do filme, em que sempre precisam trapacear ou enganar para superar as difíceis situações que presenciam. Já que eles não dispõem nem poder e capital, o que resta é a inteligência e a perspicácia para encontrar soluções a problemas praticamente que não tem saídas. A cena final do julgamento, nos mostra que as condições de miséria fazem as malandragens e as enganações, isto é, os pecados de João Grilo não serem por falta de caráter ou crueldade, mas por necessidade. Pois, foi a melhor forma que ele encontrou de sobreviver a uma sociedade desigual e injusta com aqueles que igual a ele, já nasceram condenados a ter uma vida sofrida e com pouca ou nenhuma oportunidade.

• **A presença da mulher na obra**

O papel da mulher na sociedade também era muito desprezado na época, já que eram consideradas “fracas” e “inúteis” na visão social, estas eram taxadas como “nascidas para procriar” e “cuidar da casa”, sendo totalmente submissas aos seus maridos, pois eles que mantinham a casa. Temos como exemplo a personagem Rosinha, cujo pai, o major Antônio Moraes, a obriga a casar contra a vontade. Entretanto, há o lado das mulheres que dão as ordens em suas casas. As personagens Dora e Maria (Compadecida) têm personalidades fortes e apresentam um papel fundamental no filme. Ao longo da trama, podemos perceber que a personagem Dora domina a relação com o seu marido Eurico. Em uma das cenas, é ela que convence o marido para contratar Chicó e João Grilo para trabalhar em sua padaria. Já Maria é quem permite que João Grilo tenha uma chance de voltar para terra em seu julgamento ao final do filme. Quando o Demônio questiona essa decisão com Emanuel (Cristo), ele

responde alegando que era a sua mãe e por isso não podia contrariá-la, demonstrando submissão.

• **Um reflexo do povo**

Ariano Suassuna conseguiu fazer de sua obra um retrato de parte da sociedade brasileira da época, tratando com humor e irreverência questões importantes e inquestionáveis, por serem tratadas como absolutamente normais. Muitos atribuem esse sucesso do filme ao fato de o autor ir bem próximo do espectador, fazendo uso de dialetos regionais nordestinos e da comédia. E há aqueles que acreditam que, entre uma risada e outra, o sucesso se atribui a auto identificação do povo com os personagens, sejam eles mocinhos ou vilões. No fim de tudo, a conclusão é de que a vida e arte se completam e, juntas, são capazes de fazer pensar a última escala da pirâmide: o povo.

Letícia Blanco (3001)

Lucas de Melo (3001)

Gessylene Adriely (3001)

Gabriel Guimarães (3001)

Flávio Sevalho (3001)

Irlane Machado (3001)

OBS: As personagens Rosinha e o coronel Antônio Moraes, assim como alguns outros personagens, não estão presentes na peça “O Auto da Compadecida”. São personagens existentes em outras peças do Ariano Suassuna que foram incorporados ao filme.